



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FALLA - FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA ESPANHOLA**

SÂMIA RAKEL LIMA LEAL

**UMA ANÁLISE SOBRE OS DISCURSOS DE MANIPULAÇÃO ATRAVÉS DA
ÓTICA DE MAFALDA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2023**

SÂMIA RAKEL LIMA LEAL

**UMA ANÁLISE SOBRE OS DISCURSOS DE MANIPULAÇÃO ATRAVÉS DA
ÓTICA DE MAFALDA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Letras Espanhol do Curso de Licenciatura Plena em Letras Espanhol da Universidade estadual da Paraíba, como requisito parcial de obtenção do título de Licenciatura em Letras Espanhol.

Área de Concentração: Linguística e Análise do Discurso.

Orientadora: Profa. Dr^a. Valdecy Margarida da Silva

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L435u Leal, Sâmia Rakel Lima.
Uma análise sobre os discursos de manipulação através da
ótica de Mafalda [manuscrito] / Sâmia Rakel Lima Leal. - 2023.
50 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva,
Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC. "

1. Sátira . 2. Manipulação. 3. Charge. 4. Persuasão. I.

Título

21. ed. CDD 801.95

SÂMIA RAKEL LIMA LEAL

**UMA ANÁLISE SOBRE OS DISCURSOS DE MANIPULAÇÃO ATRAVÉS DA
ÓTICA DE MAFALDA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Letras Espanhol do Curso de Licenciatura Plena em Letras Espanhol da Universidade estadual da Paraíba, como requisito parcial de obtenção do título de Licenciatura em Letras Espanhol.

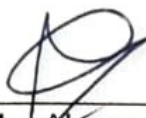
Área de Concentração: Linguística e Análise do Discurso.

Aprovada em: 28/11/2023.

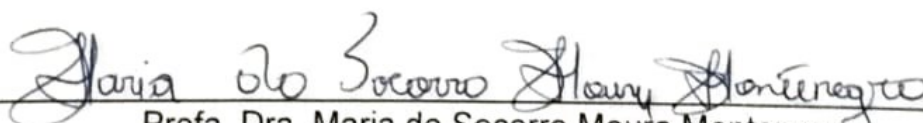
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Alessandro Giordano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho ao meu Deus e ao meu marido Adelson.

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata a meu Pai celestial que viabilizou de diversas formas a conclusão desse curso e desse trabalho de TCC. Não foi fácil a caminhada até aqui tendo que trabalhar e estudar. Ter que ouvir palavras negativas de que deveria desistir pois o Curso não me permitiria um emprego. No entanto, hoje trabalho como Analista Bilingue de espanhol, fato que não seria possível se não estivesse aprendendo a língua espanhola. Lidar com os sintomas da Tireoidite de Hashimoto, Ansiedade e a Endometriose foram desafios que somente buscando forças em Deus pude atravessar.

Agradeço ao meu marido Adeilson que me apoiou, cozinhando para mim, me ensinando diversas fórmulas de excel para que eu pudesse automatizar processos e não precisasse fazer hora extra no trabalho e conseguisse mais tempo para estudar, me levando para o trabalho e muitas vezes me trazendo para a universidade, já que meu trabalho mudou de endereço e agora está mais distante.

Agradeço a minha cunhada Daniella que me ajuda nas tarefas domésticas o que me proporcionou um pouco mais de tempo para escrever e me dedicar aos estudos. E a minha tia Ester que também me permitiu estudar além de trabalhar enquanto morava em sua residência.

Agradeço aos meus colegas de curso que sempre foram bons companheiros de conversa e me animaram a continuar fazendo o curso, em especial, Renata Meury, Heliene Gouveia, Paula Monise, Aniele Caciane e Mérica.

Agradeço a meus professores que foram grandes incentivadores e bastante compreensivos em relação a minha situação com o trabalho, especialmente, Alessandro Giordano, Gilda, Isabela e professor Thalles Lamounier, sem eles não seria possível estar aqui. E principalmente a professora Valdecy Margarida que tão prontamente atendeu ao meu convite de me orientar mesmo quando todos não podiam assumir esse compromisso.

A todos e todas,

Muito obrigada!

RESUMO

A sátira é uma técnica literária e artística utilizada em tirinhas e charges para denunciar e criticar instituições políticas, morais, hábitos e costumes. São justamente estas que se utilizam de discursos dominantes para estabelecer o doutrinação social e político dos cidadãos de um país. Através da linguagem verbal e não verbal se pode manipular notícias, propagandas, discursos políticos, para o benefício de um determinado grupo político, um grupo econômico, um determinado povo. O presente trabalho busca trazer uma reflexão por meio da identificação dos discursos de manipulação que são criticados por Quino através da sua personagem de histórias em quadrinhos: Mafalda. Para tanto, visamos discutir o conceito de análise do discurso em um recorte histórico, analisamos os conceitos de persuasão e manipulação para contextualizar o objeto de estudo, pretendendo refletir sobre as figuras de manipulações e as formações discursivas identificadas. As figuras de Manipulação são apresentadas por Barros (2005) e Filinich (2005) como tentação, sedução, persuasão, intimidação e provocação. Mussalim (2021) faz uma analogia quando as Formações Discursivas comparando-as aos vários caminhos cruzados por outros (outras FD's) que é entendido como nível de dispersão por Foucault (apud, Mussalim, 2021). Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa é classificada como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica. Foram identificadas figuras de manipulação em três tirinhas, sendo a primeira vinculada à tentação pois tenta induzir o público a comprar sendo a crítica de Quino direcionada ao discurso do consumismo. Na segunda tirinha a crítica perpassa o discurso de manipulador do Estado no contexto ditatorial da argentina trazendo à discussão duas formações discursivas a familiar e a do Estado. E na terceira identificamos o discurso imperialista que manipula os países latino americanos a pensarem que são inferiores em relação aos países do hemisfério norte. Por fim, compreendemos que Quino tenta, através da crítica, denunciar o excesso de apelo ao consumo e o controle ditatorial, além dos efeitos do imperialismo na população argentina.

Palavras-chave: Sátira. Manipulação. Charge. Persuasão.

RESUMEN

La sátira es un recurso literario y artístico que se utiliza en la comedia y en historietas, para denunciar y criticar instituciones políticas, morales, hábitos y costumbres, precisamente este tipo de instituciones son las que utilizan los discursos dominantes para establecer el adoctrinamiento social y político en los ciudadanos de un país. A través de un lenguaje verbal y no verbal es posible manipular noticias, propagandas y discursos políticos, para el beneficio de determinados grupos como políticos, económicos, sociales y otros. Partiendo de esta premisa este trabajo científico busca despertar una visión crítica en la identificación de los discursos de manipulación que son criticados por Quino a través de su personaje de la comedia: Mafalda. Para contextualizar el objeto de estudio antes mencionado, pretendemos discutir el concepto de análisis del discurso en un contexto histórico, también analizamos los conceptos de persuasión y manipulación, reflexionando sobre los representantes de las manipulaciones y las formaciones discursivas identificadas. Las figuras de la Manipulación son presentados por Barros (2005) y Filinich (2005) como tentación, seducción, persuasión, intimidación y provocación. Mussalim (2021) que hace una analogía cuando las Formaciones Discursivas, comparándolas con varios caminos transitados por otros (otras FD) Lo que se entiende como el nivel de dispersión por Foucault (apud, Mussalim, 2021). El procedimiento técnico utilizado en esta investigación se clasifica como bibliográfico y el instrumento de recolección de datos se clasifica como cualitativo. Se identificaron las siguientes figuras de la manipulación en tres historietas, la primera está vinculada a la tentación porque trata de inducir al espectador a comprar, y la crítica de Quino se dirige al discurso del consumismo. En la segunda historieta ,la crítica va dirigida al discurso manipulador del Estado en el contexto de la dictadura en Argentina, trayendo a la discusión dos formaciones discursivas: de la familia y la del Estado. Y en la tercera, identificamos un discurso imperialista de manipulación con el objetivo de hacer pensar a los países latinoamericanos que son inferiores a los países de Norte América. Finalmente, entendemos que Quino intenta a través de la crítica denunciar el excesivo llamamiento al consumo del hombre con el consumo y el control dictatorial, más allá de los efectos del imperialismo en la población argentina.

Palavras-clave: Sátira. Manipulación. Dibujos animados. Persuasión.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estratégias de manipulação segundo Barros (2005).....	17
Figura 2 – Figuras da Manipulação segundo Filinich (2005).....	19
Figura 3 – “A Propaganda”	34
Figura 4 – “ <i>La sopa</i> ”.....	38
Figura 5 – “Desarrollados y no desarrollados”.....	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Recorte Histórico.....	12
2.1.1 Quino e Mafalda.....	12
2.1.2 Quino.....	13
2.1.3 O Público.....	14
2.2 Persuasão.....	14
2.3 Manipulação.....	16
2.4 Análise do Discurso.....	20
2.4.1 Contextualização Histórica da Análise do Discurso.....	20
2.4.2 Definição e Fases do Objeto de Estudo.....	26
3 METODOLOGIA.....	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Ao pensar em tirinhas de autores latino-americanos, um dos personagens mais icônicos que vem à nossa mente é Mafalda, como marco humorístico de elucubração social, política e econômica. Nela vemos a maestria de Quino em trazer a imagem inocente de uma menina e de seus questionamentos incessantes, que são normais para a idade da personagem, e atrelá-los a temas difíceis, como ditadura, crises econômicas e guerra, utilizando-se do humor para criticar os sistemas dominantes sejam eles políticos, econômicos e sociais. Por isso, buscamos discutir de maneira avaliativa por meio da análise do discurso (AD), através da ótica infantil de Mafalda, sobre estratégias de manipulação em discursos tidos como comuns dentro do universo da propaganda, no âmbito familiar e geopolítico, a fim de identificar a necessidade de exame e da leitura criteriosa sobre os artifícios manipuladores que circundam a sociedade.

Mafalda foi criada em 1964 por Joaquim Salvador Lavado Tejón, popularmente conhecido como Quino. Caracterizada por ser uma menina em fase de alfabetização, Mafalda costuma questionar e trazer reflexões sobre temas como política, economia e problemas sociais com leveza e inocência. Seu apogeu se deu em um período histórico crucial na Argentina e no mundo, sendo contemporânea da guerra fria, das ditaduras cívico-militares latino-americanas, guerra do Vietnã, assassinatos de Malcolm X, Martin Luther King e de Che Guevara. A genialidade de Quino se dá em colocar uma criança como ser consciente e responsável por seu presente e futuro em contraste com os adultos, representados por sua mãe e seu pai que se demonstram alheios aos problemas no mundo e de seu país, como figuras representativas da massa social: um pai exausto do trabalho e uma mãe atarefada de atividades domésticas.

A escolha desta personagem é estratégica não somente pelo fato de se permitir uma agradável experiência de análise devido ao humor e ironia presente em suas tirinhas, mas por sua representatividade para as novas gerações, que mesmo jovens podem ser entendidas como capazes de tecer um pensamento crítico frente aos mais diversos temas com a possibilidade de um diálogo aberto e pacífico. A amplitude de temas que podem ser explorados através de suas sátiras justifica sua recorrente aparição nos trabalhos científicos. Aqui iremos nos deter ao

tema da manipulação recorrente em suas tirinhas mas que ainda é pouco veiculado no meio científico por intermédio da análise do discurso e, especificamente, das formações discursivas e do estudo das técnicas de manipulação utilizadas pela mídia, além das estratégias de manipulação utilizadas no ambiente familiar como reflexo de um contexto mais amplo, no sentido ideológico, buscando traçar e analisar os efeitos de sentidos oriundos dos interdiscursos, que são as vozes externas que atravessam transversalmente o discurso e são o alvo de Quino em seu parecer ideológico aparentemente contrário. Partindo da análise dos conceitos de manipulação e persuasão com o objetivo de encontrar seus elementos na discussão do objeto de estudo.

Para Citelli (2007), a persuasão é a busca de adesão a uma tese, perspectiva, conceito e entre outros, de um ponto de vista que é notabilizado pelo enunciador, com o fim de convencer alguém ou um auditório sobre a veracidade do que se fala (Citelli, 2007), funcionando como uma ferramenta de recomendação como a própria etimologia da palavra aponta, *per+suadere* = aconselhar. O que nos leva a pensar sobre o conceito de manipulação, que é discernido por Soares (2020) como uma espécie de contrato fiduciário em que o destinador no seu fazer persuasivo procura fazer com que o destinatário na sua prática interpretativa chegue à conclusão que suas afirmações são dignas de aceitação para o destinatário, criando uma relação entre confiança e crença. Sendo a metáfora do contrato fiduciário justificada pela semelhança da relação de confiança que é estabelecida entre um fiador e um credor.

Por outro lado, se faz necessário entender o conceito Análise do Discurso para se compreender e identificar no objeto de estudo (as tirinhas de Mafalda) suas materialidades ideológicas, portanto é realizado um recorte histórico da criação da AD para o entendimento de suas fases e aplicações do conceito de formação discursiva. Para Mussalim (2021), a Formação Discursiva (FD) é como um caminho que não é único mas traçado por outros caminhos (que nesse caso seriam outras funções discursivas). Nesse contexto, Foucault (apud, Mussalim, 2021) chega à conclusão que existe uma dispersão de sentido e, portanto, a função do analista passa a ser descrever o nível de dispersão buscando regular as manifestações de cada FD.

Nesse sentido, utiliza-se o método qualitativo no que diz respeito à análise das tirinhas, que significa dizer que são verificados os fenômenos com uma trajetória de semelhança contextualizada e integrada dentro da história da Argentina e do mundo para o entendimento dos interdiscursos identificados, associando os conceitos discutidos com os campos de atuação ideológica em que as tirinhas estão inseridas, resultando na amostra a seguir: na primeira tira, identifica-se a ausência de autoconhecimento e a crítica a manipulação que tem como fim o lucro das grandes marcas, na segunda, o uso da figura da tentação e da intimidação como representatividade familiar e do Estado, já na terceira, detectamos o discurso imperialista e a figura da persuasão como forma de manipulação.

Nas análises das três tirinhas é possível constatar a crítica de Quino aos discursos dominantes de manipulação. Ele realiza uma reflexão sobre o impacto e a influência nas grandes massas causados pela linguagem de manipulação impetrada nas propagandas de cunho comercial, das crenças dominantes no ambiente familiar e no ambiente geopolítico. Através do olhar de Quino sobre esses temas podemos fazer uma análise objetiva das FD discursivas presentes nos discursos de manipulação, revelando a importância da busca pelo conhecimento autêntico frente aos discursos que circulam no meio social, bem como uma busca pela avaliação interna sobre o sentido gerado e suas implicações no sujeito.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Recorte Histórico

2.1.1 Quino e Mafalda

Mafalda nasceu em 1963 sendo fruto de um projeto que foi abordado por uma campanha de publicidade cujo a qual visava o lançamento de uma nova marca de eletrodomésticos chamada “Mansfield”. O nome dos personagens deveria começar com a letra M em referência a letra inicial da marca, e teria que representar uma família tradicional da classe média, que era o público alvo da marca. A tirinha deveria ser escrita no estilo das famosas tirinhas de *Peanuts*, intituladas como Snoopy e Charlie Brown em espanhol, que apresenta Charlie Brown um menino que possui um sentimento pessimista e que enfrenta várias situações adversas, sendo acompanhado por Lucy a menina cruel que o escarnia constantemente; Linus, o amigo conselheiro e Sally, a irmã mais nova, de quem Charlie Brown cuida. No final Quino não precisou se limitar à linha de humor retratada em *Peanuts* nem ao estilo de humor norte americano, mas criou Mafalda apresentando um estilo de profunda crítica social, política e econômica. O seu nome foi, por exemplo, inspirado numa personagem bebê do Filme *Dar la cara* (1962), baseado no livro de David Viñas, um reconhecido intelectual da esquerda argentina.

O projeto inicial não vigorou devido ao seu cunho publicitário o qual foi identificado pelos editores, bem como pelo fato do produto nunca ter chegado ao mercado. Mesmo assim, em 1964, Quino publicou três dos oito esboços de Mafalda na revista *Leoplán*, em uma sessão dirigida por seu amigo Miguel Brascó, humorista e escritor que fez o contato tanto para sua participação na campanha como para essa publicação, pois, de acordo com o relato de Isabela Cosse em seu Livro *Mafalda uma história Social* (2018), Miguel cria no potencial de Quino. Em setembro do mesmo ano passou a publicar regularmente na revista *Primera Plana* no rodapé de apenas duas páginas.

Nessa época, Quino já havia ganhado notoriedade. Segundo Cosse (2018), quando Miguel Brascó o convidou para fazer os esboços da campanha de publicidade, ele havia acabado de realizar a primeira exposição de trabalhos em

Buenos Aires. Também havia publicado em 1957 “Tía Vicenta” com a direção de Juan Carlos Colombres e a participação de nomes como Oscar Conti (Oski), Carlos Warnes (César Bruto), Raúl Damonte Botana (Copi), Carlos Loiseau (Caloi) e o próprio Quino. Como resultado, após um ano de lançamento, a revista atingiu mais de 100 mil exemplares mensais e se destacou na renovação do humor gráfico argentino.

2.1.2 Quino

O autor era filho de imigrantes republicanos espanhóis e desde pequeno mostrou grande habilidade para os desenhos, tendo incentivo de sua mãe que, segundo Cosse (2008), chegava a reservar a mesa da cozinha apenas para a prática de seus desenhos, desde que limpasse tudo depois. Seu tio Joaquim, que tinha nome e sobrenomes iguais ao de Quino (fato que resultou em seu apelido), foi um grande incentivador, além de ser uma grande referência pois também dispunha do mesmo talento e trabalhava como desenhista publicitário. Após a morte de sua mãe, Quino, com apenas 12 anos de idade, decidiu se matricular na escola de Belas Artes em Mendoza. No entanto, três anos depois decidiu largar os estudos, logo após a morte de seu pai. Quando recebeu a primeira incumbência de criar uma tira humorística, já era 1950, o trabalho fazia parte de uma campanha publicitária de uma loja de seda em Mendoza, quatro anos depois, em 1954, publicou a primeira de muitas de suas contribuições para a revista de cunho político *Esto es*, feito que o fez desejar se mudar para Buenos Aires. Depois de se estabelecer em Buenos Aires sua carreira decolou, chegando a publicar em revistas como *Rico Tipo*, *Vea y Lea*, *Panorama*, *Atlántica* e no jornal *Democracia*.

Vale salientar que, antes de publicar a primeira tirinha de Mafalda na *Primeira Plana*, realizou algumas modificações do modelo original intencionalmente, já que o primeiro modelo estava amarrado ao protótipo idealizado para a campanha de Mansfield de Siam Di Tella. No seu rascunho havia um casal com dois filhos: sendo um menino que vinha no centro dos quadros e uma menina que tinha uma posição secundária. Quino retirou o menino e colocou a menina no centro da história na intenção de protagonizar a figura feminina. Assim com o decorrer do tempo foi adequando a história da tirinha a seus ideais.

2.1.3 O Público

Segundo Cosse (2018), a revista "*Primera Plana*" tinha um teor de renovação jornalística. Se dirigia ao público masculino de classe média com cerca de 250 mil leitores, que em sua maioria eram empresários, universitários e trabalhadores. A sua linha editorial, no entanto, era contraditória: assumia o desenvolvimento econômico, favorecia a intervenção das forças armadas, defendia a modernização social e as vanguardas literárias. De acordo com Gino Germani (apud Cosse, 2018, pág. 27), a classe média representava 39,5% da população no censo de 1947, o que cresceu nos anos posteriores ao passo do crescimento dos comerciantes autônomos, dos empregados administrativos e da demanda de técnicos em todos os setores sociais. Nesse sentido, os elogios da revista à Mafalda faziam parte de sua estratégia de construir o perfil de seus leitores e um modo de afirmar a sua fama. Essa manobra era justificada pela guerra de semanários que objetivava a venda da imagem do melhor humorista com a criação mais inédita e para o melhor público.

Para Cosse (2008), a tira foi transpassada com ideais de singularidades que permearam a Argentina durante a década de 1970 dialogando com o mundo, não em uma posição de observador inerte mas como agente de transformação no que diz respeito ao seu impacto social de imagem e de fala. A identidade da classe média era o foco de Quino, apresentando rotineiramente o descontentamento de Mafalda por pertencer a essa classe social. Cosse (2008) aponta que o espírito imitativo e a desigualdade foram temas centrais da análise sociológica e sociopolítica que criticava a sociologia científica. Na prática, ocorria a reprodução das condutas das classes mais altas e o interesse de ascensão social que ainda marca a classe média de hoje.

2.2 Persuasão

Dentro do universo das tirinhas de Quino podemos identificar o recurso da persuasão como recurso do autor para evidenciar o alvo da sua crítica. Sendo assim, podemos iniciar a discussão sobre seu conceito referendando a tradição do discurso clássico, normalmente oralizado, utilizado pelos gregos que valorizavam o domínio da expressão verbal devido a prática da oratória, principalmente para a exposição de suas ideias (Citelli, 2007) que normalmente era praticado por aqueles

designados pela plebe para a comunicação com os tribunus gregos, que por sua vez, se tratava de representantes dos direitos da plebe frente às autoridades políticas. Portanto, se utilizavam da retórica para inflamar as massas em praças e nos foros, contra ideias pré-estabelecidas, sendo seus principais representantes os embaixadores: Demóstenes, Quintiliano e Górgias.

Aristóteles em seu livro *Arte Retórica* (384-322 a.C), afirma que a retórica não é persuasão, mas que esta revela como ocorre sua prática, não se restringindo apenas às regras de convencimento mas também a todas as outras formas discursivas. Este livro é de fundamental importância para os estudos linguísticos, pois ao longo da escrita descrevem-se fases do fazer persuasivo que são executadas até hoje nos livros didáticos. Essas etapas são mencionadas por Citelli (2007), que explica a primeira como o *exórdio*, se referindo a uma espécie de introdução cujo objetivo é prender a atenção inicial dos ouvintes. A segunda etapa é a *narração*, que se refere à parte argumentativa onde esta deve ser clara e explicativa tendo uma “justa medida”. A próxima etapa é composta pelas “provas” do que foi argumentado, as quais são as exemplificações com fatos (reais ou não) que estejam de acordo com os argumentos, normalmente presentes no discurso jurídico. Sendo a última etapa denominada *peroração*, esta se refere às conclusões finais, é também a última oportunidade de fidelizar o ouvinte, sendo dividida em quatro partes: a) Reforço da necessidade de indisposição do ouvinte contra o adversário (pode ser pensamento ou pessoa); b) Amplificação do que foi dito anteriormente; c) Provocação de excitação no ouvinte sobre o tema; d) Realização de uma revisão do exposto de forma concisa.

Levando em consideração os estudos de Aristóteles sobre a retórica, Citelli (2007) entende que a arte do convencimento está dentro dos discursos há muito tempo e que se destaca no âmbito político – a exemplo dos tribunus gregos – e social – como os sofistas. Portanto, podemos definir a persuasão como a manifestação da procura de aprovação de uma perspectiva, tese, ideia ou conceito, com a exposição de um determinado ponto de vista, que deseja convencer o público alvo sobre a validade do conteúdo anunciado (Citelli, 2007). Outro ponto importante é que ela não se atrela a um ponto de vista verdadeiro ou ao real mas a verossimilhança, ou seja, algo que pareça com o verdadeiro através de uma lógica que o faça semelhante ao verdadeiro, por exemplo, o personagem super-homem

que não é real mas se mostra verossímil dentro da sua própria lógica, criada na narração de sua história. Neste sentido a verossimilhança não se aproxima ao conceito moral de verdade, mas uma verdade criada por meio de um contexto que pode ser real ou não. Diante disso temos Mafalda, que é uma personagem infantil mas apresenta atitudes adultas e, assim, também carrega uma realidade verossímil.

Além disso, a técnica retórica de Aristóteles possui dois meios de persuasão que, segundo Sousa (2000), são classificados como meios não-técnicos e técnicos. Os do primeiro caso existem independentemente do enunciador como leis, tratados, testemunhos e documentos, por exemplo. Já os meios de persuasão técnicos são aqueles que, dada a necessidade do discurso, são criados pelo emissor na argumentação, a depender das instâncias as quais são divididas por Aristóteles como: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O *ethos* se refere ao caráter do emissor, seja ele uma marca, um orador, um palestrante, um programa de jornal, revista etc, necessita construir uma reputação confiável para que seus argumentos sejam ouvidos pelo público. Uma vez quebrada a relação de confiança por algum escândalo se perderá a credibilidade e a oportunidade de manter a audiência. Já o *pathos* está interligado com a emoção do auditório pois é importante verificar o objetivo do discurso com as emoções que serão provocadas por ele, para que assim, as conclusões dos ouvintes não sejam levadas para caminhos diferentes da intenção do emissor. Por último, se entende como *logos* a parte da alegação do ponto de vista do enunciador no discurso.

2.3 Manipulação

O conceito de manipulação é explicado por Barros (2005, *apud* Soares 2020) como uma espécie de contrato fiduciário em que o destinador, no seu fazer persuasivo, procura fazer com que o destinatário, na sua prática interpretativa, chegue à conclusão que suas afirmações são dignas de aceitação, criando uma relação de confiança e crença, sendo a metáfora do contrato fiduciário justificada pela semelhança da relação de confiança que é estabelecida entre um fiador e um credor. Nesse caso, o devedor é quem tenta convencer o credor sobre algo, e o credor é quem “deposita” seu bem (a confiança) nas mãos do enunciador. Quando se fala de confiança devemos também entender que uma vez quebrada ou perdida,

não será possível restabelecer a relação fiduciária tão facilmente, devido a geração de memórias negativas vinculadas ao fiador que pode aqui representar um político, uma marca, produto ou serviço.

Para Barros (2005), o percurso destinador-manipulador pode ser compreendido em três etapas: Na primeira etapa consta o contrato fiduciário em que é estabelecida a relação de confiança do emissor e do receptor. Na segunda, ocorre o espaço cognitivo da persuasão e da interpretação, que é a interação do esforço na criação de argumentos que convençam o receptor e a sua interpretação. Na terceira, ocorre a aceitação ou a recusa do ponto de vista exposto no decorrer do texto oral, escrito ou imagem.

Visando alcançar o sujeito operador, que para Barros (2005) é aquele que executa a ação provocada pelo manipulador, pode-se utilizar quatro estratégias de manipulação, são elas: a sedução, a provocação, a intimidação e a tentação (Figura 1). Na sedução o sujeito é convencido por argumentos que produzem sentimentos positivos, planejados pelo manipulador para fazer com que o destinatário reproduza seu desejo sem que perceba as suas intenções. Já na provocação os argumentos são apresentados de forma negativa no sentido de desafio e tendem deixar claro o que se deseja do destinatário. De modo semelhante, na intimidação, uma vez que é deixado evidente o que se espera do destinatário, o mesmo se sente coagido a agir pois não vê outra saída devido ao medo e a pressão a ele imposta. E por último, na tentação, ocorre do destinatário desejar realizar o ato por uma tendência particular não havendo necessariamente o uso extensivo de argumentos, mas apenas com uma imagem é possível persuadir o destinatário.

Figura 1 – Estratégias de manipulação segundo Barros (2005).

	competência do destinador-manipulador	alteração na competência do destinatário
PROVOCAÇÃO	SABER (imagem negativa do destinatário)	DEVER-FAZER
SEDUÇÃO	SABER (imagem positiva do destinatário)	QUERER-FAZER
INTIMIDAÇÃO	PODER (valores negativos)	DEVER-FAZER
TENTAÇÃO	PODER (valores positivos)	QUERER-FAZER

Fonte: Barros, 2005.

Barros (2005, pág. 31) também demonstra alguns exemplos de como se manifesta a manipulação em algumas orações que podemos analisar a seguir:

“Tentação: Se você comer tudo, a mamãe leva você para ver o filme da Mônica.

Intimidação: Coma tudo, senão você apanha!

Provocação: Duvido que você seja capaz de comer todo o espinafre!

Sedução: Você é um menino tão bonito e que gosta tanto da mamãe, você vai comer tudo, não é?”

No primeiro exemplo observamos que a tentação também pode ocorrer como uma espécie de troca entre os dois sujeitos, em que o manipulador se utiliza de algum objeto de interesse do destinatário para persuadi-lo a completar a ação desejada. Já na segunda sentença, observamos que a intimidação ocorre com uso de imperativos e não permite outra ação do manipulado. Por outro lado, no exemplo de provocação o manipulador desafia o manipulado pondo em dúvida sua capacidade de completar a ação. E por fim, no último exemplo a mãe elogia o filho dizendo que ele é bonito e condiciona sua ação, já que ele gosta dela, deverá comer tudo, a ideia é que se ele é bonito e se a ama irá fazer o que ela quer, que é comer tudo, nesse exemplo, a sedução se utiliza de elogios para prender o manipulado dentro da necessidade de satisfazer os desejos do manipulador.

Sendo assim, Barros (2005) afirma que a manipulação é bem-sucedida quando houver cumplicidade entre manipulador e manipulado, o que significa dizer que o sistema de valores em que ela é assentada é compartilhado por ambos. Desta forma, se traçarmos algumas situações hipotéticas, considerando o exemplo 1, de tentação, para entendermos como as ações do manipulador e seus respectivos argumentos levam à recusa ou na aceitação do receptor, podemos pensar: e se não for tão importante assistir o filme da Mônica? Bem, por causa de uma falta de conhecimento da mãe sobre os anseios de seu filho, a resposta será negativa. E se o filho entender que mesmo que não coma, irá assistir o filme? Isso pode ocorrer caso o manipulador não costume cumprir com sua palavra, então seu exemplo falará mais alto que seus argumentos o que resultará na falta de credibilidade.

Filinich (2005) afirma que para obter a adesão se faz necessário que o manipulado outorgue “valor” (sendo este positivo ou negativo), que pode ser de verdade, de conveniência ou de adequação, em relação ao discurso do

manipulador. Por exemplo, o valor considerado como verdade é compreendido como o reconhecimento do destinatário com base na comparação entre o que foi exposto pelo enunciador e o que já se sabe e crê dentro de si, como uma espécie de adequação entre o que já existe em seu ser e aquilo que é novo ou era rejeitado, mas que a com a forma da exposição passa a ser aceito. O contrário também acontece, pois nem sempre é garantida a adesão do receptor, tudo dependerá de sua interpretação frente a enunciação. Ele irá julgar o sujeito verificando suas ações e os valores inseridos em seu discurso.

Além disso, Filinich (2005) acrescenta como figura de manipulação, a persuasão (conforme apresentado na Figura 2), devido a sua aplicação contemporânea ser diferente da retórica de Aristóteles (que conceitua o termo de forma global em convencer e comover o ouvinte por meios de meios intelectuais, éticos e passionais), pois o seu foco reside diretamente na atuação do sujeito manipulado que responde com o fazer-crer (fazer por crer). A autora cita Maria Moliner que define persuasão no *Diccionario de uso del español* como: “...Fazer com que alguém acabe por acreditar em certa coisa. [...] Conseguir com razões que alguém consinta em fazer certa coisa.” (Moliner 1966, apud Filinich, 2005, pág 77), o que caracteriza esse movimento manipulador como intelectual, pois irá atuar no saber do destinatário com argumentos, razões, técnicas de persuasão, que tentam alterar o conhecimento já pré-estabelecido do sujeito com o objetivo final de fazê-lo mudar de atitude.

Figura 2 – Figuras da manipulação segundo Filinich (2005).

FIGURAS	DIMENSÕES	MODALIDADES	PIVÔ DA AÇÃO
Combinação ou ameaça	Pragmática	Fazer dever (dívida)	Objeto a perder
dom ou tentação	pragmática	fazer dever (dívida)	objeto a obter
persuasão	cognitiva (conceitual)	fazer saber fazer crer	intelecto
provocação ou desafio	cognitiva (ética)	fazer poder, fazer dever (honra)	<i>ethos</i>
sedução	patêmica	fazer querer fazer desejar	<i>pathos</i>

Fonte: Filinich, 2005.

Na Figura 2, podemos observar a tabela realizada pela autora onde é acrescentada a persuasão como figura de manipulação e classifica em dimensão cognitiva relacionada a abstração dos argumentos empregados pelo destinador, dentro da modalidade de resposta do fazer por saber e acrescenta como pivô da ação o intelecto pois nesse caso a persuasão irá se valer do conhecimento que é

transmitido pelo manipulador, de modo que, se os argumentos apresentados forem considerados fidedignos (na visão do receptor) serão aceitos e posteriormente praticados mesmo que inconscientemente.

2.4 Análise do Discurso

2.4.1 Contextualização Histórica da Análise do Discurso

Na década de 1960, a França enfrentava um cenário de mudanças significativas no contexto social, político e econômico. A descolonização das colônias na África e no Sudeste Asiático gerou a necessidade de uma reconfiguração das relações internacionais, somado ao movimento estudantil que contestava as estruturas políticas e educacionais tradicionais. Além disso, a diversidade de movimentos intelectuais como estruturalismo, marxismo, existencialismo e o pós-estruturalismo moldaram a forma como os intelectuais abordavam questões sociais e políticas. Dentro desse cenário, os estudos sobre o discurso ganharam notoriedade através da figura de Michel Pêcheux.

Segundo Andrade (2014), na década de 1950, com a eclosão de lutas por independência nas colônias francesas, surgiu o movimento para uma “Argélia Francesa” que era defendido pela extrema direita francesa que entendia que a França não deveria perder suas colônias para evitar a decadência do país no cenário mundial frente aos Estados Unidos. De acordo com Davies (1999, apud Andrade, 2014), esse movimento foi capaz de recriar um sentimento de nacionalismo que havia se perdido depois da 2ª Segunda Guerra Mundial. Em contraponto, o partido socialista era a favor da independência das colônias e influenciava fortemente a imprensa, a educação e a ala acadêmica. Esse confronto é posteriormente citado por Michel Pêcheux (2008), filósofo envolvido nos debates em torno do Marxismo, da psicanálise e da epistemologia, em seu livro *Discurso estrutura ou acontecimento*, que usa o exemplo o discurso midiático frente das eleições de 1981 de Paris para estudar sobre os conceitos que baseiam sua teoria de discurso, como a materialidade discursiva, ideológica, transparência e opacidade.

Após os movimentos de oposição à guerra da Argélia e de apoio a descolonização ocorreu um período estático até o ano de 1968 quando as lutas

universitárias ganharam visibilidade. Fatores como a oposição à guerra americana no Vietnã, que mobilizou grande parte da juventude nos EUA e na Europa; a revolta negro-americana; a luta armada na América Latina e na África; e a Revolução Cultural na China (1966-1969) contribuíam para o clima de revolucionarização da juventude e do mundo universitário no final da década de 1960. As críticas no meio intelectual eram dirigidas ao positivismo como método científico que, encarnado no discurso pedagógico, privilegiava a repetição e a manutenção da ordem existente (conteudista) deixando de fora a singularidade e a historicidade do sujeito.

Nesse contexto de efervescência social e intelectual, o estruturalismo linguístico proposto pela dicotomia Língua e Fala de Saussure não parecia abarcar todas as nuances da linguagem. Segundo Mussalim (2021) a linguística saussureana entende a Língua como objeto determinantemente apreendido pois tem como marca a abstração e a sistematização, já a fala, por apresentar variação no seu uso devido às escolhas individuais dos falantes, não é absorvida de forma sistêmica. Os estudos de Saussure foram importantes para o desenvolvimento da fonologia, morfologia e da sintaxe, no entanto, para Pêcheux(1988, apud Mussalim 2021) seus estudos sobre a significação não consideravam o contexto completo do indivíduo, pois defendia a significação como sistêmica definindo os signos com comparações binárias contrárias, como por exemplo: um cachorro se define em relação a um pássaro por ser mamífero, ou seja, diferente de uma ave. Pêcheux contribui para os estudos semânticos, ao aplicar os processos de significação em outro terreno, não concebendo nem o sujeito nem os sentidos de forma autônoma, mas como históricos e ideológicos, pois para ele a significação não é de ordem da língua mas da fala do sujeito, sendo este, visto como parte de um todo e não como um ser individualizado.

Desta forma, Pêcheux (1988, apud Mussalim 2021) propõe uma semântica do discurso, que se diferencia da semântica linguística, pois as condições sócio-históricas de produção de um discurso configuram as suas significações. Assim, a semântica do discurso é percebida como lugar onde encontram-se componentes linguísticos e sócio-ideológicos. Suas ideias foram influenciadas por Althusser (1974, apud Mussalim, 2021) que faz uma releitura de Marx,

apresentando uma “teoria da ideologia em geral” que se refere a reprodução das relações de produção, comum a todas ideologias.

Sua investigação se concentrou nas condições de reprodução social, partindo da premissa de que as ideologias têm existência material, contrariando o pensamento de que se mantivesse apenas no campo das ideias. Ele nomeou o conjunto dessas práticas materiais, que reproduzem as relações de produção, de materialidade histórica, afirmando que “as ideologias não são feitas de ‘ideias’ mas de práticas” (PÊCHEUX, 2014, p. 130). Além disso, assegura que o materialismo se revela no objeto real (que seria a consumação do pensamento em prática) existe de forma independente da sua produção ou não, ou seja, mesmo que não se tome conhecimento de sua existência, devido ao fato da sua presença, mesmo no subconsciente humano, pode se manifestar exteriormente, dependendo das condições que propiciem sua exibição.

Althusser (1974, apud Mussalim, 2021) exemplifica trazendo a metáfora marxista do edifício social que, em suma, é o modelo de condições de produção dentro do contexto capitalista de divisão do trabalho, entre aqueles que são os donos do capital e aqueles que vendem a mão-de-obra. Assim, ele coloca em evidência a necessidade de se considerar que a infraestrutura (base econômica, que vende a mão-de-obra) determina o funcionamento da superestrutura (instâncias político-jurídicas e ideológicas). Dentro desse cenário, a ideologia atua como parte da superestrutura do edifício, portanto, é concebida como uma reprodução do modo de produção. Do mesmo modo, por uma ação de resposta da superestrutura sobre a infraestrutura a ideologia acaba por perpetuar a base econômica que a abastece. O que significa dizer que o estruturalismo de Althusser possui um sistema circular, em que, na medida que a infraestrutura determina a superestrutura, é mantida por ela.

Além disso, Althusser (1970, apud Mussalim, 2021) afirma, sobre o funcionamento da ideologia que o Estado desempenha, o papel de aparelho repressivo de si mesmo (ARE), através da violência e tem seu sentido completo com o auxílio de instituições, como a escola e a religião que funcionam por meio da ideologia e são denominadas de *aparelhos ideológicos do Estado* (AIE). Trata-se sempre do cuidado na manutenção da ideologia dominante pois mesmo que as

ideologias apresentadas pelos AIE sejam antagônicas, se inscreveram dentro do esperado pela ideologia de dominação.

Nesse aspecto, a linguística tem como tarefa principal afiançar o projeto althusseriano no que diz respeito a sua estrutura. Estando envolvido na tradição marxista que buscava apreender o processo prático da ideologia a partir de sua materialidade, nos discursos dos AIE. Por isso, o estudo da língua não é suficiente para abarcar tais afirmações, surgindo uma teoria do discurso, gerado com lugar de conversão de elementos linguísticos e socioideológicos.

Desta forma, surge o projeto da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, regido por um sistema filosófico que se desenvolve por meio de questionamentos críticos sobre a linguística. Para Pêcheux (1988), o estudo do discurso deveria romper epistemologicamente com a linguística saussuriana, aprofundando-se em questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. Ganhando como característica a abordagem por meio de questionamentos desenvolvidos de forma que mesmo que o analista tenha conhecimento do tema deve começar questionando como se não tivesse o conhecimento prévio, perfazendo de questões simples até às complexas como: Quem proferiu o discurso? Para quem é direcionado? Em que época foi criado?

Outro ponto importante, segundo Mussalim (2021), é a colaboração oriunda da psicanálise lacaniana nos estudos de Pêcheux. Ao reler Freud, Lacan realiza contribuições importantes, se utilizando do estruturalismo linguístico de Saussure e Jakobson para ganhar precisão nos seus estudos do inconsciente que na época era tido como um objeto de estudo misterioso, insondável.

Para Lacan (1998, apud Brandão, 2009), o inconsciente teria uma estrutura semelhante à da linguagem fazendo alusão à uma cadeia de potenciais significantes, se aproveitando da dicotomia de Saussure (1974, apud Mussalim, 2021) que verifica que o signo linguístico é composto de significante e significado, sendo o primeiro concebido como o som (imagem acústica) e o outro o conceito. Lacan (1998, apud Brandão, 2009) acrescenta que um signo teria uma cadeia de potenciais significativos vinculados ao discurso do outro que estaria residindo no inconsciente do sujeito. O dever do analista dentro desse contexto, seria trazer à tona por meio de um trabalho na palavra e pela palavra, os possíveis significantes,

que trocando em miúdos, se referem às palavras ditas pelo “Outro”. Para justificar, Lacan explica que o inconsciente é o lugar onde se apresenta o discurso das referências identitárias de cada ser humano, como o discurso do pai, do avô, da lei, do padre, do pastor, do monge e etc, por conta dessas lembranças serem guardadas por meio de um discurso, é de ordem da linguagem. Assim, a AD conceitua o sujeito em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente e com a linguagem.

Um aspecto relevante da dicotomia saussureana – que é ressignificada por Lacan para definir o sujeito lacaniano – consiste nos critérios relacionais e diferenciais que eram utilizados por Saussure para conceituar de maneira binária cada elemento linguístico através de comparações entre eles. Como por exemplo, o fonema [b] e [p] em que [b] é bilabial e sonoro e [p] é bilabial e surdo, desta forma, as suas diferenças nos faz entender quem são, porém não se pode definir sem que exista essa comparação com o outro. Essa necessidade do outro também parte de outro critério que é o do “lugar vazio” que segundo o qual, a cada elemento adquire identidade fora de si, devido a necessidade de um parâmetro que sirva de referência para sua identificação. Lacan conclui que o sujeito também necessita do outro para construir sua identidade. Santiago (1995, apud Mussalim 2021) explica que “o pai e a mãe deixam de ser meros semelhantes com os quais o sujeito se relaciona numa dimensão de rivalidade ou amor, para se tornarem lugares na estrutura”. Assim, a figura do pai, por exemplo, pode surgir sob diferentes versões buscadas no imaginário – pai amigo, pai ameaçador, pai controlador, pai complacente, pai violento, pai protetor, etc – mas pode também, ocupando um lugar no discurso da mãe, tomar outras versões – pai ausente, pai presente, pai violento, pai compreensivo e etc.

Outra contribuição importante para a relação entre o sujeito e o Outro é a oposição binária de Jakobson (1970, apud Mussalim, 2021), que se manifesta quando um remetente, ocupando uma posição inicial no processo de comunicação, coloca-se em relação comunicativa com um destinatário, que ocupa uma posição terminal dentro do sistema de comunicação. Apesar de Jakobson apresentar um modelo estruturado em elementos como remetente, destinatário, código, mensagem, contexto, canal, ele se diferencia de Saussure porque considera

interlocutores do processo comunicativo, estudando a fala que era um fator excluído dos estudos saussurianos.

Para Mussalim (2021), apesar de se aproveitar do estruturalismo para conceituar seu sujeito, Lacan(1998, apud Brandão, 2009) diverge de seu ponto de partida em pelo menos dois pontos principais. O primeiro deles diz respeito à inserção do sujeito na estrutura, pois apesar de definir-se pela palavra do outro, o sujeito, é ao mesmo tempo, dividido entre consciente e inconsciente e por conta disso não há uma completude no sistema, pois o próprio sujeito pode variar em seu conjunto de significantes. Já o segundo ponto se remete à forma como é encarada a relação do sujeito com o Outro de Jakobson. O autor, não segue a simetria entre interlocutores – que considerava ambos como iguais, sem que nenhum exercesse domínio sobre o outro – verificando que o Outro ocupa uma posição de governo com relação ao sujeito, sendo uma questão anterior e exterior a ele, o que culmina na definição e identificação do sujeito.

Em complemento, Orlandi (2009, p. 50) afirma o sujeito do enunciado proposto por Lacan como o sujeito gramatical que “cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz”. A autora afirma que a subjetividade reside na possibilidade de mecanismos linguísticos específicos, não se pode explicá-la exclusivamente por eles. Assim como na Psicanálise, o sujeito da AD é descentrado pela linguagem, pois é afetado pela realidade do uso da língua e também pela realidade histórica, não tendo o controle sobre o modo como essas duas nuances o afetam, reafirmando que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Diante disso, o estudo da AD, perfaz um caminho entre questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito, sendo este dicotômico entre consciente e inconsciente, ao mesmo tempo que organizado a partir da linguagem, sendo o discurso um resultado ou materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos meios de produção. Por conta disso, o sujeito não pode ser considerado como alguém que decide sobre sentidos apreendidos e as possíveis enunciações do próprio discurso, mas que ocupa um lugar social a partir daquilo que profere, localizado dentro de um processo histórico que lhe permite determinadas inserções.

É importante frisar que não só existe uma vertente da Análise do Discurso, sendo a de origem francesa mais ligada à história, aos textos de arquivo que emanam instâncias institucionais, e a Anglo-Saxã (ou também chamada de americana) que se relaciona com a Sociologia e mantêm seus estudos em enunciados com estruturas mais flexíveis podendo ser construídos até mesmo em conversas informais. Para Possenti (1996), a análise do discurso e uma análise convencional (como da Pragmática e da Semântica) não se diferencia por meio de dados mas em sua base teórica, assim a análise americana considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como determinante no momento da análise. Por outro lado, a Análise do Discurso francesa não considera como ponto crucial o intuito do sujeito, mas que esse é condicionado pelas ideologias que pré-determinam o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais.

2.4.2 Definição e Fases do Objeto de Estudo

Mussalim (2021) relata que Pêcheux tinha como objetivo montar um alicerce teórico que lhe permitisse reintegrar o sujeito e contexto, para tanto, passou a considerar a oposição entre enunciação e enunciado. A enunciação estaria voltada às condições de produção do discurso, admitindo a elocução de um discurso que se manifesta em determinadas circunstâncias histórico-ideológicas por um sujeito localizado em determinada posição social e que provoca em seu interlocutor sentidos relevantes. Já o enunciado se refere à dimensão a qual o discurso emitido foi capaz de ganhar.

Pêcheux verificou que o procedimento gerativista de análise, proposto por Noam Chomsky em seu livro Estruturas sintáticas (1957, apud Mussalim, 2021), poderia ajudar a cumprir seus objetivos, pois supunha a existência de um sistema de regras de produção internalizadas responsáveis pela geração das sentenças linguísticas. Adotando a teoria gerativista e trazendo-a para seu campo de atuação, Pêcheux, reintegra as teorias do sujeito e da circunstância. Ele se utiliza da ideia do sistema de regras internalizado para entender que existe uma noção interna em cada indivíduo sobre as condições apropriadas de produção de um discurso. Orlandi (1987, apud Mussalim, 2021) afirma que essa noção é básica para a AD, pois identifica o discurso, o constitui e ainda se torna objeto de análise, sendo

essas as regras internalizadas que fazem com que o sujeito saiba o que dizer em cada ambiente que frequenta e com quais pessoas pode ou não compartilhar certos discursos.

Posteriormente, os procedimentos de análises foram desenvolvidos e a Análise do Discurso ficou marcada por três fases, em que, na primeira, a noção de máquina discursiva foi aplicada amplamente. A Máquina Discursiva se referia a “uma estrutura (condições de produção) responsável pela geração de um processo discursivo” Mussalim (2021, pg 116), sendo essa estrutura oriunda de um conjunto de argumentos produzidos e reproduzidos por aqueles que estavam inseridos em determinados contextos (como por exemplo o manifesto comunista), responsáveis pela composição e transformação das propostas discursivas. A primeira fase também ficou conhecida como Análise Automática do Discurso (AAD).

Na segunda fase da AD (de 1975 a 1990) o conceito de formação discursiva de Michel Foucault (1969, apud Mussalim 2021) foi empregado por Pêcheux. Para Foucault (1969), a formação discursiva (FD) se tratava de um conjunto de regras sem origem conhecida, historicamente verificadas, delimitadas por um período de tempo e por um ambiente, onde se caracterizava uma época para uma área social, econômica, geográfica ou linguística. Em suma, elas eram as exigências de enunciação, o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Por outro lado, a FD é identificada devido às regras que determinam o que pertence (interno) e o não pertence (externo), desta forma, a FD não é um campo fechado mas um campo que se relaciona em oposição ou em conformidade com outras FDs. Além disso, o espaço de uma FD foi anteriormente preparado pelo “pré-construído” que, segundo Gallo (2001, apud Mussalim, 2021), seria um outro interdiscurso, circunscrito em uma região histórica e ideológica anterior delimitada pelo acontecimento do discurso. Esses discursos vieram de outro lugar histórico e que ainda se perpetuam no presente com uma relação que pode ser de confronto ou de consonância com a FD atual. “É do interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (Barthes, 1997, p. 16-17).

Assim, Mussalim (2021) afirma que a FD se assemelha a um caminho que não é único, mas traçado por outros caminhos (outras FD's), portanto, Foucault

chega à conclusão que existe uma dispersão nesse sentido. Por este motivo, o objeto de análise passa a ser as correlações entre FD's. O objetivo do analista passa a ser, de descrever o nível de dispersão buscando regular as manifestações de cada FD. Os discursos analisados passam a ser menos estabilizados que na primeira fase da AD, como por exemplo, um debate político.

Já a terceira fase da AD é marcada por alterações como do objeto de estudo que passa a ser o interdiscurso, pelo procedimento de análise que ganha etapas com ordem fixa. Possenti define o interdiscurso em um sentido amplo, como “o conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita” (Possenti, 2003, pg 253). Assim, o Interdiscurso verifica as conexões discursivas existentes entre as FD's. Vale salientar que as FD's realizam a caracterização do sujeito na medida em que cada FD é dominada pelo interdiscurso e excluindo a possibilidade de independência entre as FD's.

É importante salientar a colaboração de Bakhtin (1988, apud Mussalim 2001), para a AD com sua crítica a concepção saussuriana de língua e sua noção de dialogismo entre discursos para os procedimentos metodológicos de análise. Authier-Revuz (1982, apud Mussalim, 2021) explica que não se trata de um diálogo face a face, mas sua proposta de diálogo abrange um sentido mais amplo, entre outros discursos externos, instaurando uma perspectiva plurivalente de sentidos, são as diferentes vozes que atravessam e dialogam entre si.

Maingueneau (1997, apud Mussalim, 2021) recorre ao dialogismo do círculo de Bakhtin para falar sobre heterogeneidade constitutiva para todo discurso, que representaria a diversidade discursiva existente, sendo verificada através da formulação de hipóteses que estariam em conformidade com a presença do Outro e no estabelecimento da formação discursiva. Nesse sentido, Authier-Revuz (1982, apud Mussalim 2021) direciona-se para três tipos de heterogeneidade:

- A primeira se apresenta na situação em que o locutor usa de suas próprias palavras para traduzir o discurso de um Outro ou cita diretamente essas palavras;
- A segunda ocorre quando o locutor, evidencia as palavras do Outro em seu discurso, por meio, de aspas, itálico, ou outra maneira de sublinhar;

- A terceira é verificada quando o Outro não aparece explicitamente no discurso, mas que não chega a ser considerado implícito como nos casos de discurso indireto livre, da antífrase, da ironia, da imitação ou da ilusão.

O traço em comum entre as três formas apresentadas é que a presença do Outro é real na superfície discursiva mesmo que seja assinalado de forma diferente. A terceira forma, diferente das demais, pode ser percebida quando a própria voz do locutor se mistura com a externa não se fazendo implícita mas se misturando com a o enunciador que sofre influência de seu inconsciente.

Logo a AD se apresenta como um campo interdisciplinar por não reduzir as suas análises ao espaço linguístico, mas que caminha junto a História, a Sociologia e a Psicanálise bem como a Semântica da Enunciação e a Pragmática. Estando em constante movimento de atualização dos conceitos que a integram como o discurso, o sentido e o sujeito, as condições de produção que vão se firmando no processo de elocução. Sua especificidade, marcada pelas contradições e irregularidades na materialidade discursiva e pelo empate de diversos discursos, a torna única, no sentido de se ter um de objeto de estudo heterogêneo e significativo, capaz de trazer mudanças reais por meio da análise e discussão nas esferas sociais, políticas e na históricas.

3 METODOLOGIA

Este trabalho visa explorar os discursos de manipulação que são alvos da crítica de Quino através do uso de 3 exemplos selecionados de uma amostragem de 6 tirinhas encontradas com o tema de manipulação. As tirinhas foram extraídas do livro *Toda Mafalda*, publicado em 1997 pela editora *Ediciones de la Flor*, na cidade de Buenos Aires, e do endereço eletrônico *Tudo Sala de Aula*, que é um site voltado para professores de diversas disciplinas, no qual são apresentadas atividades disponibilizadas gratuitamente para serem aplicadas em sala de aula. Buscou-se apresentar a crítica encontrada acerca das estratégias da propaganda comercial, do discurso ditatorial e do discurso imperialista replicado pelos cidadãos argentinos. Para tanto, a pesquisa foi realizada através de um estudo bibliográfico concentrando em conceitos que nortearão a análise das tirinhas, a saber: a persuasão, a manipulação, a história de Mafalda e Quino e alguns aspectos da análise do discurso em destaque as formações discursivas.

Segundo Gil (2002), investigações científicas que se interessam no conceito de ideologias e que se apresentam à análise das diversas posições acerca de um problema, costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas, o que enquadra esta pesquisa, quanto aos procedimentos técnicos, em uma pesquisa bibliográfica, pois, tenta-se trazer a discussão dialógica da persuasão, da manipulação e conceitos como formação discursiva, interdiscurso e discursos dominantes oriundos da Análise do Discurso. Além disso, nosso estudo não se interessa em obter resultados em números, por meio de gráficos ou tabelas, mas se dará através da análise discursiva do objeto de estudo que são as tirinhas, o que se caracteriza, quanto aos instrumentos de coletas de dados, em um estudo qualitativo, o qual, de acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010), é resultado de uma relação dinâmica entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, em que o ambiente natural, se torna a fonte direta principal da coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Por outro lado, nossa proposta tem como objetivo, trazer proximidade sobre os discursos de manipulação encontrados em Mafalda, a fim de se pensar em aprimorar ideias já constituídas e explorar as compreensões de Quino acerca destas, através da análise do seu discurso. O nosso planejamento é flexível e

envolve tanto o levantamento bibliográfico como a análise de exemplos encontrados em outros trabalhos científicos, o que se caracteriza como uma pesquisa exploratória que, de acordo com Gil (2002), “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.

Na primeira etapa, pesquisou-se acerca da história de Mafalda, Quino e do seu público-alvo, com base no livro *Mafalda: Historia social y política* de Isabela Cosse (2018), a fim de entender o contexto social e a história de vida do escritor que direcionaram seu estilo e a construção de seu personagem principal. Para iniciar os demais conceitos que construirão a análise, discutiu-se o conceito de persuasão, iniciando pelo conceito clássico da retórica proposto por Aristóteles, para depois verificar o conceito de persuasão mencionado por Citelli (2007). Em seguida, investiga-se o conceito de manipulação e das suas figuras, baseado nos trabalhos de Soares (2020), Barros (2005) e Filinich (2005). Logo após, esquadrinha-se o conceito de análise do discurso, em uma descrição histórica baseada em relatos e na descrição de Mussalim (2021), Brandão (2009) e Orlandi (2009) buscando entender as fases da AD e o conceito de Formação Discursiva.

Para se chegar nos objetos de investigação, que são as três tirinhas, foi implantada uma análise seletiva em uma amostragem de 5 tirinhas do livro *Toda Mafalda*, publicado em 1997 pela editora Ediciones de la Flor, na cidade de Buenos Aires, e uma tirinha do site *Tudo Sala de Aula*. A primeira tirinha foi selecionada por abordar sobre o apelo ao consumo constante e explícito incitados pelas propagandas. As três tirinhas foram escolhidas tanto pela identificação de estratégias de manipulação como por trazerem ao leitor temas polêmicos, atuais, que provocam uma reflexão filosófica em cada leitor. Na primeira tirinha quando é questionada sobre “O que nós somos?” Nos deparamos com uma reflexão sobre identidade humana com a conclusão: “eles sabem que ainda não sabemos”, o que gera várias construções de sentidos. Aqui nos atentamos a crítica relacionada a diminuição do uso da capacidade cognitiva com o uso das telas (TV no caso da tirinha). Na segunda tirinha verificamos a rejeição de Mafalda à sopa, um alimento comum para a população que possui condições financeiras medianas, em que Mafalda usa argumentos com características de um discurso de oposição às imposições estabelecidas por sua mãe, as quais se assemelham às oposições

estatais. Na terceira tirinha é apresentado à Mafalda a localização da Argentina no globo terrestre e ela atrela essa informação de forma inocente com a situação desenvolvimento econômico e social do país, fato que abre para a reflexão sobre as condições de desenvolvimento dos países localizados no hemisfério sul, normalmente classificados como subdesenvolvidos.

Cada tirinha possui um contexto diferente e, por isso, foram adicionadas informações como dados geopolíticos e fatos históricos relacionados à ditadura que contextualizam o ambiente ideológico e, conseqüentemente, favorecem o caminho para o entendimento das formações discursivas em cada tirinha. Além disso, antes das análises é realizada a descrição detalhada da linguagem semiótica das tirinhas que apresentam elementos verbais e não-verbais. No primeiro momento das análises são destacadas as figuras de manipulação e, em seguida, apresenta-se as formações discursivas empregadas com a finalidade de se compreender o objetivo de Quino na criação de cada elemento destacado na análise das tirinhas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As imagens são carregadas de histórias, memórias e cultura e ainda servem para eternizar essas histórias em um determinado espaço e tempo. Desde os primeiros registros de desenhos humanos, como as pinturas rupestres feitas nas cavernas, as quais contém registros de narrativas do cotidiano, até os dias atuais onde são impressas ou digitalizadas, as imagens continuam cumprindo um papel primordial no registro social de cada época. Um exemplo da evolução do registro ilustrativo foi verificado pelos sacerdotes indianos *bhopas* que expunham histórias com auxílio de desenhos em *phad* (também conhecidos por *rolos* ou *par*). Essa prática é denominada por Campos (2020) como proto-HQ, Campos aponta a influência desses desenhos ao inspirar Mao Tsé-Tung a utilizá-los amplamente para difundir as vantagens do comunismo em panfletos. Os quadrinhos que conhecemos hoje foram inspirados nos *comics* estadunidenses que apresentam texto em balão e imagem com tom humorístico e até mesmo crítico.

As histórias em quadrinhos ganharam notoriedade com o tempo e inspiraram até mesmo a sétima arte para reproduzir suas histórias como: Super Homem, *Batman*, Mulher Maravilha, Homem-Aranha, entre outros. Uma versão reduzida de histórias em quadrinhos passou a ser publicada em jornais e revistas, as quais ganharam o nome de tirinhas, como é o caso de Mafalda. É sob a ótica de Quino, por meio de Mafalda, que iremos analisar os discursos de manipulação bem como sua crítica a esses. De acordo com Possenti (1988, apud Maliska e Souza, 2014), Mafalda é um personagem cujo discurso não tem nada de infantil, pois sua fala está carregada de temas políticos, financeiros, sociais e outros temas adultos os quais não se imagina que uma criança venha ter vontade de conhecer ou falar. Apesar de Quino se aproveitar das atitudes infantis referentes aos questionamentos de Mafalda sobre diversos temas, podemos observar em suas conclusões, o teor crítico e o conhecimento sobre mundo que está à frente de outros personagens adultos.

Para iniciarmos a análise apresentamos a Figura 3, com o *corpus* intitulado como: “*Propaganda*”, retirado do site *Tudo Sala de aula*.

Figura 3 – “A Propaganda”.



Fonte: Atividade de Língua Portuguesa anos finais, *Tudo Sala de aula*, 2023.

Na Figura 3 podemos observar no primeiro quadro o balão que indica a fala de Mafalda no canto superior, onde são apresentados verbos no modo imperativo: “Use”, “Compre”, “Beba”, “Coma”, “Prove” e o seguinte questionamento “O que eles pensam que nós somos?” A imagem completa o sentido com um aparelho de TV a direita e Mafalda a esquerda em pé e fazendo um movimento com seu braço que se dirige ao botão da TV, indicando a intenção de a desligar. Neste mesmo quadrinho próximo ao dedo da personagem aparece a palavra “Clack” e na TV cinza aparece um desenho circular que reforça a ideia que Mafalda está desligando o aparelho.

A fala da personagem demonstra uma atitude agressiva e de esgotamento frente aos muitos enunciados evidenciados pela presença de diversos verbos no imperativo, que estariam sendo emitidos possivelmente por propagandas repetidas a todo momento entre um programa e outro, as quais se utilizam de diversas estratégias para convencer o público a adquirirem seus produtos. A irritabilidade do personagem é comum e cria uma conexão com o público, que automaticamente se identifica, pois as propagandas aparecem repetidas vezes em todos os programas de TV, o que acaba por vezes atrapalhando um momento de entretenimento ou de utilidade pública como é o caso dos jornais, já que aparecem em momentos cruciais da trama ou entre uma ou outra notícia.

O uso dos verbos no modo imperativo reforçam a ideia de ordem, conselho, convites, o que sugere que os telespectadores estão sendo influenciados por uma certa subordinação. Essa estratégia de manipulação pode ser caracterizada, segundo Barros (2005), como tentação, pois o “destinador-manipulador”, representado pela Marca promotora da propaganda, se aproveita do “Poder” de influência, aliado ao poder de compra do consumidor, utilizando argumentos baseados nos valores positivos e na necessidade de compra através das suas vantagens, para manipular a vontade do espectador, esse movimento de persuasão da marca sobre o público é nomeado por Barros como influência do “querer-fazer”, em que o manipulador busca por meio da transmissão de valores positivos instigar o manipulado a querer ou fazer algo que esteja de acordo com os seus interesses.

Nesse contexto, a Formação discursiva da propaganda está alinhada à formação ideológica de venda vinculada às grandes marcas e ao comércio, com objetivos exclusivamente financeiros. Já a Formação Discursiva de Mafalda se contrapõe a esta, pois se adentra ao campo da filosofia e da psicologia ao se perguntar “*o que nós somos?*”. Segundo Mussalim (2021), a FD pode ser percebida devido às regras que determinam o que faz parte (o que pode ser dito) e o não faz parte (o que não tem relação com a formação discursiva), assim, a FD não é um campo fechado mas um campo que se relaciona em oposição ou em conformidade com outras FDs. Por isso, quando Quino demonstra repúdio e crítica ao discurso manipulador da propaganda, estabelece uma relação de confronto. Sua crítica fica evidente quando Mafalda, em um tom irritado, finaliza sua fala do primeiro quadrinho: “*O que eles pensam que nós somos?*”, isso traz a ideia que o público está sendo tratado como objeto dentro de um maquinário de compra e venda, a analogia se concretiza quando observamos que os anúncios se repetem várias vezes durante o dia. Essa recorrência aparece na tirinha pelo uso apenas de palavras e não de frases completas (“*Compre*”, “*Beba*”, “*Coma*”, “*Prove*”) que não precisam de um complemento para deixar claro o objetivo de seu uso e em que contexto elas estão inseridas. O efeito de sentido produzido pela fala “*O que eles pensam...*” ao invés de usar a expressão “*Quem eles pensam..*”, que concorda com o pronome nós, pois está se referindo a Mafalda e ao público, dá ênfase à crítica sobre a visão das marcas em relação ao público. Essa ideia de “coisificação”

do ser humano pode revelar que Quino está em oposição ao processo de estímulo ao consumo e ao lucro incansável dos grandes empresários que tentam tratar seres pensantes como se fossem parte do maquinário de suas fábricas.

No segundo quadrinho Mafalda aparece sentada, suas mãos estão sobre os joelhos e sua boca semicerrada em uma atitude reflexiva e triste. No canto superior aparece um balão que não se trata de uma fala mas que indica um pensamento, por estar em formato de nuvem, e nele o seguinte questionamento: “*E o que nós somos?*”. Esse discurso já nos leva para um campo ainda mais profundo, o do contexto histórico e social da Argentina dos anos 60.

Levando em consideração o contexto histórico e social da época, Quino se dirige à classe média argentina, inspirado no bairro que vivia, San Telmo, e a qual retrata em seus personagens e suas próprias impressões, colocando Mafalda, sua família e amigos no ambiente da classe a qual pertence e a que repudia, sendo a principal característica dessa classe, segundo Arturo Jauretche (1966, apud Cosse, 2008), a necessidade constante de imitar as classes mais ricas da sociedade uma vez que possui como objeto de interesse principal a sua ascensão social. Assim, quando Quino escolhe questionar “*o que nós somos?*”, pode estar fazendo referência a essa dificuldade da classe média em definir-se, não somente no sentido econômico mas no conhecimento da importância de seu papel social, tendo em vista que os pais de Mafalda são por vezes representados como apáticos às questões relevantes como a guerra do Vietnã, questões políticas e sociais. Além disso, outro aspecto relevante é o fato de que o estímulo ao consumo, que é dirigido a essa classe, não ocorre de forma casual, mas de maneira estratégica, justamente pelo fato da classe buscar obter um padrão de vida mais próximo das classes mais altas. De acordo com Escalas (2007, apud Scharf e Saquis 2014, pg 38), o êxito de um apelo publicitário está relacionado a sua adequação ao contexto cultural do interlocutor, pois terão uma conexão com seu dia a dia resultando em um maior impacto e duração.

Essa ideia pode ser reforçada nos dois últimos quadrinhos, que representam uma atitude de retorno de Mafalda, pois ela se levanta e a liga a TV novamente e conclui em sua fala final: “*Os malditos sabem que nós ainda não sabemos*”, essa atitude reafirma o condicionamento do público frente ao poder midiático, que se

utiliza da sua posição para exercer autoridade, de forma que venha a retirar até mesmo, a possibilidade do seu desenvolvimento cognitivo verificado com o retorno de Mafalda a atitude inicial, o que indica que apesar dela ter iniciado um processo reflexivo-filosófico, sua conclusão revela que não chegou ao conhecimento de sua identidade e que por isso permite que esse tipo de manipulação aconteça. Esse aspecto da sociedade é tratado por Giovanni Sartori em seu livro *Homo Videns: Uma sociedade teledirigida*, de 1999, em que nele se afirma que a televisão, de forma geral, proporcionou uma decadência na capacidade do “Homo Sapiens” de entender, pois não provoca estímulos que o façam trabalhar as áreas do cérebro relacionadas ao entendimento conceitual como ocorre com o ato da leitura.

Para o autor, esse processo de atrofia ocorre porque imagens não necessitam do trabalho mental árduo para seu entendimento, o que deixa o homem limitado a leituras concretas (leituras não verbais com o uso de imagens). Desta forma, conceitos abstratos como identidade, ideologia, política e gênero, podem ser menos aceitos por serem de difícil compreensão e a própria busca de seus significados é ignorada devido a necessidade de tempo e esforço:

“Y éste es el proceso que se atrofia cuando el homo sapiens es suplantado por el homovidens. En este último, el lenguaje conceptual (abstracto) es sustituido por el lenguaje perceptivo (concreto) que es infinitamente más pobre: más pobre no sólo en cuanto a palabras (al número de palabras), sino sobre todo en cuanto a la riqueza de significado, es decir, de capacidad connotativa.” Sartori (1999, pág 48).

Assim, ao retratar o retorno de Mafalda ligando novamente a TV podemos entender uma crítica tanto ao condicionamento da sociedade bem como a sua preguiça de praticar o exercício de raciocinar e refletir com mais profundidade sobre algum tema (que na tirinha se trata da identidade). Seu objetivo fica evidente com o rápido retorno de Mafalda em ligar a TV ao invés de continuar buscando respostas para seu questionamento. O efeito de humor é causado pelo retorno à atitude inicial e sua conclusão: “*Os malditos sabem que nós ainda não sabemos*”, revelando uma dependência e conformação, mesmo entendendo que existe uma manobra manipuladora por trás do discurso.

Para darmos continuidade, apresentamos a Figura 4, do *corpus* intitulado “*La Sopa*”, a qual é parte integrante do livro “*Toda Mafalda*”, (Quino, 1997).

Figura 4 – “La sopa”.



Fonte: *Toda Mafalda*, Quino, 1997.

Na Figura 4 podemos verificar a relação de Mafalda com a sopa e seu significado por trás da rejeição desse alimento. Podemos ver Mafalda no primeiro quadrinho com as mãos no queixo apoiadas sobre a mesa em frente a um prato de sopa, sua expressão com linhas decaídas na boca e olhos mostra o seu descontentamento. Em cima aparece um balão mas a fala não pertence a Mafalda que diz “*Está bien! No tomás la sopa: No comés postre!*”. Como podemos identificar, essa fala pertence à mãe de Mafalda dando a entender que já ocorreu um diálogo anterior em que a personagem provavelmente indicou que não consumiria o alimento. Na fala da Mãe observamos mais uma estratégia de manipulação que está associada tanto a tentação como a intimidação. Se levarmos em consideração que Mafalda não gosta de sopas e que a sua mãe condiciona o comer a sobremesa ao fato dela ingerir sopa, podemos identificar o movimento de intimidação que, para Barros(2005), está relacionado à competência originada no destinador-manipulador o qual se vale de seu poder, atrelado a valores negativos, a fim de alterar a competência do destinatário com argumentos vinculados ao “dever-fazer”, que nesse caso, ocorre quando a mãe utiliza da sua autoridade materna de escolher o que a filha deve comer ou não, e estabelece uma troca da sopa pela sobremesa. Como a sopa é um objeto indesejado por Mafalda e, de certa forma, existe a necessidade da menina se alimentar de um alimento nutritivo, a mãe com sua atitude está obrigando Mafalda a fazer algo que não deseja fazer, o que reflete nessa ação valores negativos para a personagem que se vê acuada frente a fala de sua mãe. O tom de Raquel (mãe de Mafalda) revela impaciência e conhecimento da filha, que provavelmente aceitaria melhor a sobremesa do que a sopa. Isso justifica manipulação como tipo de tentação, já que a sobremesa é uma espécie de recompensa, um reforço positivo para que a personagem tome a sopa.

No segundo quadrinho observamos a reação de Mafalda frente à intimidação de sua mãe, sua mão direita está em um movimento como que dando um soco na mesa, tanto que a colher se levanta no ar, sua mão esquerda aponta o dedo indicador na direção de sua mãe e sua boca está aberta de forma exagerada o que indica que está gritando, com a seguinte frase no balão: *“No la tomo y no la tomo!, Y yo sería repugnante se hubiera algún soborno capaz de hacerme desertar de mis principios, traicionar mis creencias y vender mis convicciones!!”*, uma tradução simples para o português dessa frase seria: *“Não vou tomar e não vou tomar! E eu seria repugnante se houvesse algum suborno capaz de me fazer abandonar meus princípios, trair minhas crenças e vender minhas convicções!!”*. Esta reação nos leva a entender que, ao colocar Mafalda em uma situação de intimidação com sua mãe, Quino deseja refletir outro cenário que só poderemos verificar se analisarmos o contexto histórico e político dessa tira.

Em 28 de junho de 1966 ocorreu o golpe de Estado na Argentina, o militar Juan Carlos Onganía assumiu o poder e governou até 1970. Segundo Cosse (2008, pg 72), Onganía *“prohibió la actividad política, intervino las universidades, encarceló a la oposición, reprimió a los estudiantes e instaló vigilantes de moralidad en las plazas y las playas”*, houve também a censura da mídia, invasão em bailes e muitos livros foram confiscados. Tudo isso com o intuito de neutralizar o comunismo e recompor a ordem tradicional que, segundo Onganía, se refere aos valores cristãos e ocidentais sobre a família.

Assim, o discurso emitido por Mafalda não se trata apenas de uma contestação referente a sopa, mas se trata de uma contestação contra o governo que, de forma autoritária, impõe sua ideologia à população. Orlandi (2009) nos faz entender que o sujeito da AD é afetado pelo contexto do uso da língua e também pela realidade histórica, o que consequentemente o faz não ter controle sobre o modo de como esses dois aspectos o influenciam, assim a ideologia dominante do Estado afetará de forma inconsciente os cidadãos argentinos, principalmente aqueles que não possuem instrução. A escolha de Quino sobre a figura da mãe de Mafalda é representativa, pois equivale sua ação à do Estado, no sentido de autoridade, uma vez que este defendia a família tradicional idealizando família e o Estado trabalhando juntos contra o avanço comunista na Argentina. Para Althusser (1970, apud Mussalim, 2021), dentro da metáfora marxista do edifício social, o

Estado se coloca como aparelho repressivo, se utilizando até mesmo da violência, se valendo do auxílio de instituições, como a escola e a religião, para propagarem a sua ideologia, assim, estas instituições são chamadas por Althusser, de *aparelhos ideológicos do Estado* (AIE). Esses aparelhos são responsáveis pela manutenção da ideologia dominante, e o seu objetivo final é cumprido mesmo que as formações ideológicas das AIEs sejam divergentes. Com isso, Onganía se utiliza do ideal de moral oriundo da religião cristã a favor dos seus interesses, utilizando-os estrategicamente em uma rede nacional de manipulação.

Logo, podemos perceber que existem duas FD em confronto: a FD do Estado (representada pela mãe de Mafalda) e a FD da Oposição (representada por Mafalda). Segundo Cosse (2008), a personagem tinha um caráter antiautoritarismo e se converteu em um símbolo de luta contra Onganía, o que gerou seu sucesso perante a comunidade de estudantes e intelectuais, grupo de pessoas que foi perseguido duramente durante o governo. De acordo com o relato de Cosse (2008, pg 127) “... en un público lector acostumbrado a la lectura entrelíneas, las ironías de la tira reafirmaba el ‘nosotros’ por oposición a la dictadura”. Desta forma, ao emitir um texto elaborado em argumentos como “...seria repugnante se houvesse algum suborno capaz de me fazer abandonar meus princípios, trair minhas crenças e vender minhas convicções!!”, Quino faz alusão ao discurso da oposição de forma profunda, pois nos faz resgatar a imagem de alguém que está sendo coagido a negar seus ideais com suborno e este argumenta vorazmente que não poderia abandonar, trair e vender seus princípios, crenças e convicções a troco de realizar a vontade de outrem que o tenta manipular utilizando-se de sua posição de autoridade.

Segundo Barros (2005), a manipulação só será alcançada se o sistema de valores entre o manipulador e o manipulado forem os mesmos, ocasionando em uma relação de cumplicidade entre ambos. Dessa forma, quando o sistema de valores é divergente, a relação de confiança pode ficar abalada e o receptor não se deixa manipular. Ao observamos o terceiro quadrinho vemos um balão que está na parte superior do desenho que remete a mais uma fala de sua mãe em que está escrito “*Panqueques*”, que seria equivalente a um doce feito com massa de panqueca e que pode ser acompanhado com doce de leite (tradicional na Argentina). Em reação à fala de sua mãe, Mafalda muda da postura firme e bruta

para uma com os olhos arregalados e mordendo os lábios. No quadrinho seguinte já aparece comendo a sopa e com um balão que faz referência a um pensamento, com a seguinte frase “*¡Que asco me doy a veces!*” que podemos traduzir como “*Tenho nojo de mim às vezes!*”.

O humor é criado pelo contraste construído na mudança da sua atitude, do segundo quadrinho, verificada como madura, convicta e firme para a do terceiro e quarto quadrinho, em que aparece uma atitude infantil e própria de sua idade, esse retorno pode sinalizar uma regressão, já que a sopa também é um alimento próprio da classe média que é público alvo de Quino, devido ser um prato barato que pode ser, até mesmo, um reaproveitamento de algum alimento que sobrou de outra refeição. A crítica de Quino à classe média nesse sentido, perfaz a ideia de que apesar de todos os esforços da classe média almejar se parecer com os ricos, não conseguem chegar a sua completude. Essa classe emergente ainda mantém refeições como sopa e anda a pé ou de ônibus como também acontece em outras tirinhas, que demonstram de forma mais explícita a rejeição de Mafalda pela classe média, pois sua família não possui dinheiro para comprar um carro.

Além disso, a aceitação de Mafalda pode retratar que a condição do direito à alimentação, à ir e vir, à vida e ao trabalho estaria condicionado à obediência aos critérios estabelecidos pela ditadura de Onganía, pois, se não fosse obediente ficaria sem sobremesa, bem como aqueles que não queriam se sujeitar à ditadura também perderiam seus direitos de cidadão, caso não respondessem de forma adequada às exigências do Estado. A semelhança da narrativa com um processo interrogatório de um prisioneiro da ditadura faz com que a tirinha ganhe um sentido profundo e pesado. A restrição imposta a Mafalda caso ela não atenda às expectativas de sua mãe, apesar de comum no contexto familiar, faz referência às restrições durante a ditadura, como horário de saída de casa restringido e o que pode ou não pode ser dito.

Dando continuidade às análises, apresentamos mais duas tirinhas que estão contextualizadas dentro de uma sequência de tiras sobre a mesma temática, na Figura 5, e fazem parte do livro “*Toda Mafalda*” (Quino, 1997, p.49).

Essas tirinhas estão na página 49 do PDF do Livro *Toda Mafalda* e se trata de uma sequência de tirinhas onde a personagem problematiza a localização

geográfica da Argentina no globo terrestre e tirando suas conclusões sobre como essa questão afeta a população argentina econômica e politicamente.

Figura 5 – “Desarrollados y no desarrollados”.



Fonte: *Toda Mafalda*, Quino, 1997.

No primeiro quadrinho da primeira tira vemos Mafalda em frente ao globo terrestre que está posicionado em cima de uma mesa e seu pai está sentado próximo a ela em uma poltrona e lê um jornal. A personagem pergunta ao pai onde eles estão localizados no globo terrestre e no segundo quadrinho o pai aparece agachado próximo a Mafalda apontando para o país Argentina que está localizado na América do Sul, a expressão da personagem muda com espanto e uma possível frustração pois os olhos estão pequenos com um traço ao redor na parte superior o que indica uma expressão de surpresa reflexiva, Quino também retira o traço da boca de Mafalda, característica que normalmente tente evidenciar quando a personagem não tem palavras para reagir a fala de outro personagem. No quadrinho seguinte vemos Mafalda com os olhos arregalados com a boca bem aberta e sua fala é exclamativa e conclusiva: “*Pero entonces... ¡vivimos cabeza abajo!*”, e no último quadrinho o humor é concluído com todo desenho realizado, com a personagem e os objetos, de cabeça para baixo e sua fala relatando que sentirá mais apego a terra que nasceu. A ironia constrói o humor que, nesse caso, é criado com a conclusão infantil de Mafalda ao relacionar o fato de que a Argentina está localizada no hemisfério Sul com o fato de estar de cabeça para

baixo, o que de fato ocorre devido a forma esférica da terra, mas que impressiona a menina de tal forma que ela começa a refletir sobre o tema mais profundamente. Já no último quadrinho Quino se aproveita do fato da surpresa de Mafalda para fazê-la sentir necessidade de sentir apego a terra como se estivesse com medo de cair no espaço, já que está de cabeça para baixo. Nesse momento, já podemos observar o interdiscurso nacionalista que atravessa a fala de Mafalda, ele enfatiza a necessidade do apego ao país, a pátria, normalmente vinculado a partidos de direita argentina. Nesse sentido o discurso é feito de forma irônica pois é evidenciado de forma literal o fato de estar de cabeça para baixo a necessidade da população se apegar ao solo.

Na segunda tirinha, podemos analisar os discursos de persuasão de Mafalda que tentam convencer seu amigo Felipe que a Argentina é considerado um país menos desenvolvido em comparação aos países que estão no norte pelo fato da sua localização ao sul deixá-los de cabeça para baixo. O primeiro quadrinho segue com os personagens de cabeça para baixo, mas nos balões, o texto se lê perfeitamente. O primeiro balão é o de Felipe que questiona a personagem de onde ela tirou a ideia que eles estão de cabeça para baixo: -“¿Que vivimos de cabeza-abajo? ¿De donde sacastes esta estupidez?” e Mafalda lhe responde que ele só precisa observar um globo terrestre para entender. No segundo quadrinho Mafalda continua: “*Los del hemisferio norte viven cabeza arriba, y nosotros cabeza-abajo*”, entendemos diante do contexto, que quando afirma que os do hemisfério norte vivem com a cabeça para cima está se referindo a razões geográficas, pois devido a forma esférica da terra, o sul fica na parte de “baixo” e os do norte ficam na parte de “cima”.

No terceiro e quarto quadrinho, Felipe demonstra rejeitar os argumentos apresentados por Mafalda. Quando Mafalda argumenta que os países desenvolvidos são os que estão no norte ela faz referência a classificação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, que é avaliada através do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do grau de riqueza, do nível de industrialização e desenvolvimento, do Produto Interno Bruto (PIB) e da renda *per capita*. São classificados como países desenvolvidos aqueles que possuem alto índice de industrialização, PIB elevado, distribuição de renda homogênea, alta expectativa de vida, alta taxa de alfabetismo, taxas reduzidas de mortalidade infantil e natalidade,

IDH elevado, além de uma excelente qualidade de vida. Em contraponto, os países subdesenvolvidos possuem baixo índice de industrialização e baixa renda *per capita*, PIB é reduzido, distribuição de renda heterogênea, qualidade de vida considerada regular ou ruim, expectativa de vida baixa, IDH baixo, e há também uma alta taxa de analfabetismo e elevadas taxas de mortalidade.

Nesse aspecto, devemos refletir o porquê dos países do norte serem tidos como desenvolvidos em relação aos países do Sul. Para isso, devemos buscar os eventos históricos que os colocaram em tais posições. A maior parte das grandes potências mundiais hoje como Estados Unidos, Inglaterra, França fazem parte do movimento histórico do imperialismo que nasceu no século XVIII com a Revolução Industrial. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm (2014, pg 94), durante o ciclo neocolonialista (outra nomenclatura para o imperialismo), cerca de 25% das terras do planeta foram ocupadas por alguma potência imperialista. Leite (2009, pg 10) define o imperialismo como a interferência das nações hegemônicas no desenvolvimento político e econômico das periféricas. O escoamento de produção excedente é uma das alegações usadas para justificar esse movimento imperialista. Entretanto, para Hobson (1981), esse argumento é uma ilusão pois retrata o excesso de capital e a má distribuição da riqueza de uma nação.

É importante lembrar que o processo colonial já havia retirado grandes volumes de riquezas nas nações do Sul, que agora passam novamente por um processo semelhante porém legitimado devido a geração de empregos e a circulação do capital internacional. Segundo Leite (2009, pg 35), *“a expropriação do ouro e do açúcar latinoamericanos, por parte das metrópoles europeias, ajudou a desenvolver de forma mais rápida que em outros locais do mundo a estrutura metrópole-satélite na América Latina.”* Essa estrutura de dependência da exportação de produtos do setor primário para nações imperialistas repetem o mesmo ciclo do passado, que agora é legitimado por incentivos governamentais como redução de impostos de exportação. O tema da exportação e importação também é relevante, conforme Leite (2009), na manutenção do ciclo que se dá quando as potências se preocupam em exportar e importar produtos industrializados para manter os preços estáveis e os países periféricos permanecem na especialização da produção e exportação de produtos primários

que, por concorrerem com uma grande oferta, detém os preços abaixo dos industrializados.

Diante desse cenário, ao rejeitar as conclusões de Mafalda para justificar os problemas de desenvolvimento da Argentina, Felipe marca sua personalidade e revela possuir valores diferentes daqueles oferecidos por Mafalda. Felipe é um personagem que foi inspirado no jornalista e amigo de Quino, Jorge Timossi, que trabalhou no jornal *Prensa Latina* (cujo um dos fundadores foi Ernesto Che Guevara), tem como características principais o idealismo, a guerra com a consciência e o senso de responsabilidade. A manipulação não ocorre de forma efetiva se falta cumplicidade entre manipulador e manipulado devido ao sistema de valores serem diferentes. Barros (2005) afirma que a manipulação é realizada com sucesso quando há uma relação de cumplicidade entre manipulador e manipulado, o que significa dizer que é bem sucedida quando o sistema de valores em que ela é assentada é compartilhado por ambos. Filinch (2005) chega a afirmar que dentro da contemporaneidade a persuasão se classifica como figura de manipulação, porque instiga uma ação posterior do manipulado. Dessa forma, a ideia de acreditar no discurso proferido pelo enunciador, deve resultar em uma ação que corresponda ao discurso, podendo alterar conceitos que já estejam assentados no receptor.

Assim, quando Felipe não aceita os argumentos de Mafalda sobre países desenvolvidos e não-desenvolvidos acaba interrompendo a relação de manipulação que poderia se estabelecer caso acreditasse no discurso de Mafalda. Mas o que faz com que Felipe não acredite nos argumentos de sua amiga? Os argumentos de Mafalda estão baseados principalmente na posição geográfica da Argentina no hemisfério sul, que deixa os argentinos de cabeça para baixo, o que para Felipe, não tem relação com a questão do desenvolvimento. O último argumento de Mafalda é intrigante, pois, devido ao estado de estarmos de cabeça para baixo, as ideias caem de nossas cabeças, um pensamento infantil e ingênuo, que, para Felipe, não é capaz de justificar a condição inferior no sentido econômico da América latina. Mesmo assim, Quino utiliza-se desse argumento, como uma forma de criticar o pensamento amplamente difundido principalmente nos anos 60 e 70, a formação de que os países do norte são desenvolvidos e os países do sul não. Historicamente sabemos que os países do norte colonizaram os países que

estão na região sul e que, com o movimento imperialista, continuam a realizar a prática de extrair matéria prima desses países, o que contribui, além de outros aspectos, para a perpetuação dessa relação de dependência dos países do sul em relação aos do norte.

Nesse contexto, Mafalda reproduz uma FD, ligada ao imperialismo que pode retratar a realidade de como um latinoamericano consegue ver sua posição em comparação com os países do norte. Em outras tirinhas, Quino também critica o fato de que vários latinoamericanos buscam esses países como destino principal para viajar e até mesmo mudar de residência. Para Lacan (apud Mussalim 2021), mesmo que o sujeito seja definido pela palavra do outro, o subconsciente tem papel relevante na influência do efeito do que foi dito no sujeito. Lacan afirma que por estar dividido entre consciente e inconsciente existe um conjunto de significantes pré-construídos em cada sujeito que impacta na completude do entendimento dos discursos, fato que também justifica a rejeição do personagem Felipe sobre o discurso de Mafalda que em tirinhas posteriores, tenta persuadi-la a mudar de pensamento, o que não funciona pois o efeito que Quino deseja causar é essa falta de rejeição da visão de crítica sobre o que é imposto pelo imperialismo e o contentamento com argumentos superficiais mediante ao tema. Lembrando que, de acordo com Foucault (1969, apud Mussalim 2021), uma FD se trata de um conjunto de regras sem origem conhecida mas que são historicamente repercutidas e que caracterizam uma época para uma determinada sociedade. Então, ao fazer uma crítica à formação dominante oriunda do imperialismo, Quino também traz a FD da oposição, que é trabalhada na sequência das tirinhas da página 49 do livro *Toda Mafalda* (1997).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos entender que a crítica de Quino aos discursos de manipulação é realizada em diversas esferas e verificamos sua incidência no meio midiático através da primeira tirinha “*A Propaganda*”, em que observamos o discurso de incentivo ao consumo através da figura manipuladora da tentação, a qual é realizada com verbos no imperativo como se o público não tivesse a possibilidade de pensar e agir fora do que é enunciado. A capacidade de pensar da geração de 60 é questionada por Quino que leva o público a refletir “*o que nós somos?*”, induzindo Mafalda a concluir que não sabemos o que somos, voltando à atitude inicial de assistir a TV numa espécie de submissão frente ao comando midiático por não ter como sair desta situação. Vale salientar que é por meio do valor oriundo das propagandas que os meios midiáticos são mantidos, o que nos coloca em um ciclo de consumo.

Na segunda tirinha podemos refletir sobre o regime militar que não somente ocorreu na Argentina mas foi compartilhado por vários países vizinhos como o Brasil. A sopa é colocada como ideal imposto por um discurso dominante, ligada na tirinha às figuras manipuladoras da intimidação e da tentação. Nesse exemplo, verificamos a mãe de Mafalda a semelhança do Estado repressor de Onganía que, de maneira direta, perseguia seus opositores e tentava impedi-los através da intimidação e da troca de informações com o argumento tentador da liberdade, que para Mafalda é representado pela sobremesa.

Na terceira tirinha verificamos a crítica ao discurso que classificava países desenvolvidos e subdesenvolvidos de acordo com a linha do equador que divide o globo terrestre em hemisfério Norte e Sul. Historicamente os países do Sul foram colonizados, tiveram suas riquezas retiradas para o países do norte e, com o imperialismo, a atitude de extração de riquezas, sendo elas materiais ou humana (com o trabalho nas empresas dos países do norte), permanece em um ciclo que posiciona os países do Sul em uma condição de dependência. Quino critica em especial a visão do próprio povo Argentino frente a essa classificação, pois coloca Mafalda na condição de agente de enunciação do discurso imperialista, o que reforça que o próprio povo argentino entende e se coloca na condição de subserviência frente aos países que são considerados como desenvolvidos.

Considerando esses pontos entendemos que a crítica de Quino ao discurso de manipulação se atrela ao pensamento político da esquerda argentina que se opõe ao conservadorismo, ao imperialismo e tem uma relação de rejeição à ideia de consumo desenfreado proporcionado pelo capitalismo. Nesse sentido, podemos refletir que, em seu tempo, o papel de Quino foi importante como figura de oposição para que não se perpetuassem os pensamentos que levavam a Argentina a uma ditadura prolongada (por mais que tenha durado até 1983), como ocorre com outros países da América Latina. Sendo necessário meditarmos sobre a importância da democracia para que haja um diálogo mais aberto e menos polarizado entre os cidadãos e o governo. Outra visão interessante é relacionada à valorização do ser humano como pessoa e não como agente de lucro pelos grandes, médios e pequenos empresários, que visam unicamente o lucro, mas no esforço de que é necessário pensar no bem estar de todas as pessoas e no próprio meio ambiente para garantir um futuro para as próximas gerações. Já ocorreram mudanças significativas desde que essas tirinhas foram publicadas no cenário argentino, tanto politicamente como economicamente, onde se tem um governo de esquerda e uma economia decadente.

É necessário aprendermos com a história e pensarmos em soluções significativas para os problemas atuais dos países americanos, para que haja desenvolvimento e independência, para que saíamos do setor primário e secundário da economia e consigamos sustentar empresas que possam ser influentes e possam ter relação com nossos países vizinhos.

Fazendo um paralelo com os dias atuais, baseado nas reflexões acerca das tirinhas estudadas, ainda vemos estratégias de manipulação principalmente no contexto das redes sociais, em que se utilizam artifícios para prender a atenção dos ouvintes, normalmente vinculados a compra e venda de produtos ou serviços, onde é mostrado a rotina de uso desses recursos, geralmente com títulos sensacionalistas, especialmente voltados para os canais de notícias, além de histórias de traições, mortes e dramas inventados para atrair o público ocioso e conseguir *likes* e conseqüentemente atrair marcas que queiram patrocinar esses indivíduos que irão vender seus produtos e se beneficiar da “parceria”. O consumo de vídeos curtos com hiper-estímulos nos impede de pensar ou buscar outros

afazeres que demandem mais esforço mental, como aprender violão, inglês, crochê, canto e desenho, hobbies que faziam parte das gerações anteriores a esta.

Nasce uma geração mais ociosa e impotente frente aos problemas difíceis, mais ansiosa e dependente de estímulos sensoriais. E o questionamento de Quino através de Mafalda perdura: *“O que eles pensam que nós somos?”*, e ainda continuamos aceitando essas realidades como normais, até pensamos e refletimos mas voltamos às mesmas atitudes. Acreditamos que o intuito de Quino é trazer o leitor para um questionamento interno, sendo esse movimento interno orientado a uma fuga de uma doutrinação, seja oriunda da mídia, seja oriunda do Estado, seja oriunda do ambiente social em que estamos inseridos, a fim de que os discursos que nos rodeiam não venha nos controlar a ponto de não conseguirmos pensar e de não nos abrir para outros discursos e outras oportunidades de experiências.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Trad. J. J. Moura Ramos, Lisboa, Presença/Martins Fontes, 1974.
- ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco. O desenvolvimento da extrema direita na França e a formação do Front National. **Temporalidades**, v. 6, n. 3, p. 50-67, 2014.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria semiótica do texto**. Ed. Ática, 4º edição. 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4851443/mod_resource/content/1/BARROS-Diana-Luz-Pessoa-de.-Teoria-Semiótica-do-Texto.pdf. Acesso em 03 de abril de 2023.
- BRANDÃO, Helena. Nagamine. **Introdução a Análise do Discurso**. 7 ed. Campinas, Ed. UNICAMP, 1998 p 56.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. In: Introdução à análise do discurso. 2009. p. 117-117.
- CAMPOS, Rogério. **HQ: uma pequena história dos quadrinhos para uso das novas gerações**. Edições Sesc SP, 2020.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16 ed. São Paulo. Ática, 2007.
- COSSE, Isabela. **Mafalda: Historia social y política**. Epub Libre. 2018
- DAVIES, P. **The National Front In France: Ideology, Discourse, and Power**. New York, Routledge. 1999
- FILINICH, Maria Isabel. **Figuras da manipulação**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, n. 10, 2005.
- GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOBSON, J. A. **Estudio del Imperialismo**. Madrid: Alianza Editorial, 1981. 343p.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 97.
- KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Via Literarum. 2010.
- LEITE, Ana Paula das Neves. **Imperialismo Fiscal: O projeto BEPS como instrumento de imposição de políticas fiscais em países em desenvolvimento**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso

MALISKA, Mauricio Eugênio; DE SOUZA, Silvana Colares Lúcio. **Os efeitos de sentido da ironia e do humor: uma análise das histórias em quadrinhos da Mafalda**. Revista Recorte, v. 11, n. 1, 2014. Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1495/pdf_27, acesso em 12/10/2023.

MOLINER, Maria. (1966). **Diccionario de uso del español**. Madri: Gredos.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Cortez Editora, 2021.

SARTORI, Giovanni. Homo videns. **La sociedad teledirigida**. Banda aparte: Revista de cine-Formas de ver, n. 13, 1999.

SCHARF, Edson Roberto; SARQUIS, Aléssio Bessa. **Análise crítica do discurso na propaganda de lançamento do Citroën C3 Picasso**. ReMark-Revista Brasileira de Marketing, v. 13, n. 3, p. 36-48, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas. Editora Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**, Michel Pêcheux; tradução Eni P. Orlandi–5ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Observações sobre interdiscurso**. *Revista letras*, v. 61, 2003.
DE SOUSA, Américo. **A Persuasão Estratégias da comunicação influente**. 2000.

QUINO. **Toda Mafalda**. Buenos Aires, Argentina. 8º edição 1997, pág 49, 500.

THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Tempo social**, v. 10, p. 63-100, 1998.

Tudo Sala de Aula. **Atividades de língua portuguesa**. Blog Tudo Sala de Aula. Disponível em: <https://www.tudosaladeaula.com/2020/11/estruturadoverbo.html> data de acesso em 22/05/2023.